

1º CONGRESSO DE ESTUDOS RURAIS
AMBIENTE E USOS DO TERRITÓRIO

O Alto Douro vinhateiro e a gestão da sua paisagem agrária

José Alves Ribeiro

Dep. Protecção de Plantas/UTAD - Vila Real

Resumo

Faz-se nesta resenha uma abordagem da paisagem duriense numa óptica ao mesmo tempo agronómica e ecologista, chamando a atenção para a tradicional harmonia da instalação da vinha na paisagem, para os novos impactes devidos aos modernos sistemas de implantação, para a problemática da necessidade de uma maior diversificação de culturas agrícolas e para os cuidados a ter para que esses equilíbrios ambientais não sejam demasiado perturbados.

I - ALTO DOURO VINHATEIRO - Caracterização Genérica

A vinha quase monopoliza a actividade agrária na região demarcada do Alto Douro e tem grande expressão na paisagem, sobretudo na sub-região do Baixo Corgo e mesmo no Alto Corgo. Apenas no Douro Superior se dilui muito mais, de tal modo que apenas ocupa 30% no Baixo-Corgo; 15% no Cima-Corgo e 5% no Douro-Superior, ou seja em termos globais 18% da área geográfica da região demarcada (45.000 em 250.000 hectares).

A sub-região do Douro Superior (Moncorvo, Vilariça, Foz Côa, Freixo e Barca de Alva) é uma zona de expansão natural da vinha duriense, ou será se a conjuntura económica favorecer a continuação do investimento na vitivinicultura.

Historicamente o sentido da expansão da vinha duriense foi sempre para maior interioridade, sobretudo desde o rompimento do Cachão da Valeira, nos finais do século XVIII, pois esse era o grande estrangulamento à passagem dos barcos rabêlos, base dos transportes naquela época.

Na reconversão posterior, já com enxertia das videiras para evitar a filoxera, até aos anos 40 e mesmo 50 do século XX, a vinha duriense passou a alargar os geios com um maior número de fiadas de videiras e já apresentado o patamar não de todo horizontal mas com algum declive, embora menor do que o da encosta inicial, pois permanece a construção de paredes de xisto, num trabalho ciclópico de gerações, de muita mão de obra local e imigrada, sobretudo da Galiza, neses tempos mais pobre. São as "pirâmides de xisto" na expressão de Torga.

São essas vinhas que ocupam a maioria da área actual cobrindo cerca de 25.000 ha. E representam um património notável de ordenamento correcto da paisagem, em todos os aspectos, salvaguardadas as limitações à circulação de veículos motorizados e tractores, aspectos que na época não se consideravam obviamente. Também não deixa de ser um património o conjunto dos mortórios remanescentes (antigas vinhas mortas pela filoxera e recolonizadas pela vegetação natural).

Só nos anos 70 e 80, com algumas experiências já nos anos 60, se desenvolveram os dois actuais sistemas de implantação de vinha: terraços com taludes de terra, sem paredes, e a denominada vinha ao alto, também sem paredes. O 1º sistema ocupará cerca de 7.500 hectares e o 2º cerca de 5.500. Nestes 2 sistemas estão muitas das modernas vinhas implantadas ao abrigo do PDRITM, mas ao todo ainda representam uma percentagem escassa de vinhas preparadas para a mecanização. Consideramos aqui na vinha ao alto também a vinha quase planado do sub-planalto.

II - Para uma boa gestão da Paisagem Duriense

Há vantagens e inconvenientes em cada um dos modernos sistemas de implantação da vinha no Douro vinhateiro (vinhas em terraços com taludes e vinhas ao alto), mas a prática tem demonstrado que acima de 35 a 40% de declive ambos funcionam mal, aumentando o risco de erosão nas enxurradas e tornando difícil quer o controlo das infestantes dos taludes, no 1º caso (vinhas em terraços com taludes de terra), quer o trabalho das máquinas no 2º caso (vinhas ao alto).

Por todas as razões é fortemente aconselhável evitar as plantações nesses declives, aliás geralmente próximos de vales de rios, ribeiras e linhas de água, espaços que deverão ser preservados ecologicamente, ou seja com a vegetação natural que nesses talvegues protegem toda a encosta da denominada erosão basal, que tende a "descalçar" de baixo para cima toda uma linha de água ao longo de uma encosta, quando desprotegida nesse aspecto.

Também se tem abusado da implantação de vinha no topo das colinas, onde se deverão manter os bosques, pinhais ou matagais aí existentes, pois além da defesa da erosão e de contribuirem para a retenção de reservas hídricas para toda a colina, constituem um complemento de equilíbrio para a harmonia da paisagem. Há que investir mais em sistemas mistos (numa mecanização adaptada) mantendo alguns muros antigos.

Há também que voltar a diversificar a agricultura duriense com culturas complementares embora não sejam muitas as opções possíveis, dada a pobreza do solo e a orografia enrugada e declivosa da região, para além de algumas limitações climáticas de aridez e excessivo calor estival. Mas é tradicional na região a cultura da oliveira, sendo essencialmente de bordadura no Baixo e Cima Corgo, fazendo algum abrigo à própria vinha e embelezando a paisagem. No Douro Superior, com mais afinidades com a denominada Terra Quente, a oliveira tem ainda maior expressão, assim como a amendoeira,

outra cultura tradicional na região duriense e de imenso interesse como cartaz turístico, apesar de algumas limitações ao aspecto económico. Infelizmente nas modernas plantações de vinhêdos não se têm plantado oliveiras em bordaduras, desabrigando a vinha e empobrecendo a beleza da paisagem.

Os citrinos estão mais confinados a estreitas várzeas do rio Douro e alguns dos seus afluentes junto à foz, tendo pouca expressão comercial embora de grande tradição e razoável qualidade. É outro complemento interessante na paisagem agrária, havendo mesmo nalgumas zonas, como na zona de Barca de Alva, Foz do Tua, zona da Pala (Baião) e outras com alguns pequenos mas belos terraços com as viçosas laranjeiras, encastradas na aridez pedregosa do xisto circundante.

Quanto à importância da fruticultura em geral (cerejeiras e outras prunóideas, macieiras, pereiras etc.) esse sector está algo restrito na região demarcada. Praticamente só tem grande expressão nas zonas de transição para as terras altas, quer do lado transmontano, quer do lado beirão (aliás mais desenvolvidas neste lado, desde os belíssimos cerejais de Resende, Penajóia e S. Martinho de Mouros, até aos magníficos pomares de pomóideas de Lamego, Armamar, Tarouca e Moimenta da Beira).

Também Vila Real, Carrazêda de Ansiães e Macêdo de Cavaleiros são zonas frutícolas por natureza e com potencialidades ainda maiores que a área frutícola que possui. Quanto à fruticultura há que diversificá-la por exemplo nos pequenos frutos (groselhas, framboesas, mirtilos etc.).

Há que acarinhar o coberto florestal natural desta região, constituído essencialmente por bosques e matagais de feição meso-mediterrânica, a começar pela vegetação reinstalada nos velhos mortórios e há que defender o seu património genético e ecológico constituído pela enorme variedade de espécies autóctones, quer arbóreas (sobreiros, azinheiras - na região denominadas "carrascos" - carvalheiras, zimbros, etc.) quer arbustivas (medronheiros, estêvas, lentiscos, troviscos, rosmaninhos, tomilhos, oregos, cornalheiras etc., sendo esta última uma espécie aparentada com o pistácio que é um fruto seco possível de cultivar na região).

Na flora duriense abundam espécies vegetais aromáticas, medicinais, condimentares e melíferas, aspectos que constituem outra potencialidade para o futuro. Também abundam os cogumelos comestíveis e os espargos bravos, também comestíveis na fase de rebentação.

Há que preservar estas espécies e os seus habitats, o que significa que há que ter alguns cuidados com a gestão do ambiente e com a paisagem, para bem do seu equilíbrio, harmonia e biodiversidade:

- a) Respeitar a vegetação ribeirinha (amieiros, freixos, lódãos, salgueiros etc.)
- b) Respeitar as linhas de água
- c) Drenar bem as situações de encharcamento

- d) Não desbastar a vegetação autóctone sobretudo do topo das colinas e das linhas de água e antes pelo contrário, repô-la, se necessário!
- e) Não poluir as linhas de água e evitar extracções de areia sem critério
- f) Evitar a proliferação de pequenas lixeiras a céu aberto e transformar as grandes em aterros sanitários.
- g) Evitar a proliferação de espécies exóticas invasoras e desequilibradas da vegetação autóctone (ex: ailantos, mimosas e sumagres). Apesar de as mimosas terem alguma beleza indiscutível e os sumagres uma história interessante: provenientes do Médio Oriente foram cultivados na região durante largas décadas para uso na indústria semi-artesanal da curtimenta de peles, devido ao tanino em que são ricos. Abandonada a sua cultura, hoje é um arbusto infestante de taludes, bordaduras e até das próprias culturas agrícolas, sobretudo das vinhas.
- h) Evitar a degradação dos espaços de lazer (parques merendeiros , miradouros e praias fluviais por exemplo).
- i) Estimular a diversificação de culturas e actividades (incluindo o artesanato) na região
- j) Sensibilizar os agricultores para as técnicas da Protecção Integrada no uso de agro-químicos. Chamando a atenção dos viticultores durienses para um uso criterioso dos pesticidas (herbicidas, insecticidas e fungicidas) até porque as próprias Empresas Agro-químicas já estão a assumir também essa mesma filosofia.
- l) Reequacionar o sistema da implantação de vinhas mais adequado (jeios c/ paredes; terraços com altos taludes de terra e duas linhas de videiras; vinha ao alto; terraços com baixos taludes de terra e uma linha de videiras). Deixo a polémica, tudo leva a crer que o último sistema (em que se perde bastante área, mas com a Natureza nunca se pode ter tudo) será o mais aconselhável para o futuro!
- m) Retomar a tradição das linhas da oliveira na bordadura das vinhas, tornando a paisagem mais rica e ainda mais bela.
- n) Manter o mais possível o sistema tradicional com muros de xisto, desde que se adaptem às vinhas a mecanização, havendo hoje mini-tractores capazes de trabalhar em compassos muito estreitos.

Há que ter algum cuidado com a gestão da paisagem e portanto da natureza neste sensível Vale do Douro. Está em causa todo o equilíbrio ecológico desta magnífica e majestosamente bela região duriense.

Bibliografia

Fonseca, M. - O vinho do Porto - 1980 - Ed. I.V.P.

Ribeiro, J. - 1989 - Correlacção entre a flora autóctone e a flora infestante na região vinhateira do Douro - Congresso de Herbologia - Valencia.

Barreto, A. - O Alto Douro - Ed. 1993 - INAPA

Magalhães, N. - O Douro Vinhateiro - 1998- Enciclopédia dos Vinhos de Portugal. Ed. Chaves Ferreira.